


O Gaiato

 **PORTE PAGO**

Quizenário * 1 de Maio de 1982 * Ano XXXIX — N.º 995 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

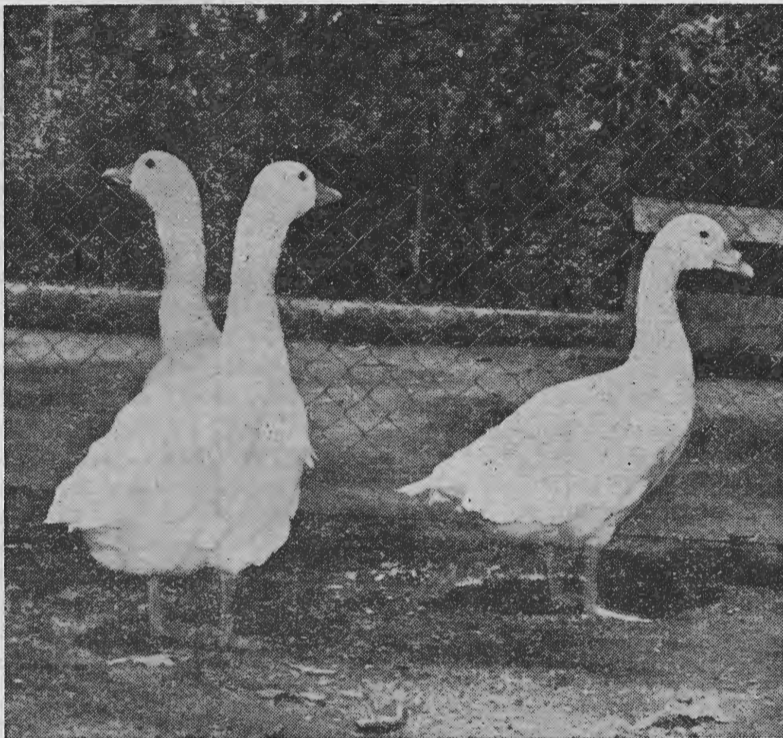
AQUI, LISBOA!

Um dos argumentos utilizados em favor da legalização do aborto assenta na suposta injustiça a que estarão sujeitos os pobres em relação aos que, dispondo de bens materiais, facilmente encontrarão a impunidade, não só pelo recurso a clínicos estrangeiros, verdadeiros açougues humanos, como pela maior facilidade de iludir a lei ou de comprar com dinheiro aqueles que a devem aplicar. Admitimos que assim seja. Todavia, na lógica do raciocínio referido, muita coisa haverá a despenalizar. Assim: como a droga é mais acessível aos ricos, ter-se-á que despenalizar o seu uso; como o venalismo, a fraude e a corrupção são mais fáceis para os poderosos deste mundo, haverá também que os tornar mais acessíveis aos pobres... E, assim, por diante, numa argumentação falaciosa que levará às mais trágicas situações.

Outras justificações para o aborto vão-se procurar na miséria, no desemprego, na fome, na ignorância, na promiscuidade, na carência habitacional, etc., etc... Resolver estas e

outras problemáticas pelo recurso à morte, não só repugna pela facilidade que revela como pela injustiça que representa, como também significa o atolar na irresponsabilidade e no egoísmo feroz da demissão. Arroçados programas sócio-económicos, culturais, médico-sanitários entre outros serão as respostas precisas e adequadas às questões postas, com empenhamento e determinação. Uma autêntica formação da sexualidade, um correcto planeamento familiar e a visão de uma clara paternalidade responsável, muito contribuirão, por outro lado, para minimizar as dificuldades e encontrar a justa solução.

Não raro, outro sofisma ou distorsão da verdade das questões leva os pugnadores do aborto e da esterilização, temporária ou permanente, a justificá-los com a chamada explosão demográfica. Não nos convence o argumento por vários tipos de razões, morais e científicos. Em primeiro lugar, matar os que sobram ou são considerados a mais é uma ignomínia para a Humanidade, **CONT. NA 4.ª PÁG.**



Patos e gansos. Plumas cor de neve. Beleza que seduz pequenos e grandes! Dantes, iam campo fora para o rego d'água — cuá, cuá... E todo o mundo, feliz, no encalce da branca procissão; fossem da lenha, do jornal, das oficinas — até cozinheiros e chefes. Desordeira romaria!... Agora, as brancas penas desamoraram. Também gostam de calma, liberdade! «Foram prós campos novos...» — esclarece Maurício, ex-«Tiroliro». E a ordem, o sossego voltaram ao coração da nossa Aldeia — em Paço de Sousa!

PARTILHANDO

● Era Sábado Santo. Preparávamos a Páscoa, em festa. Flores na capela, junto à cruz. Cânticos novos, de Aleluia. Foliares para todos. E encontros de preparação espiritual. Tudo em marcha para... um encontro muito especial que eu vou contar:

Estava eu mais, três rapazes. Um deles acusado de aventuras perigosas para o seu futuro. Os outros dois — amigos dele e da mesma idade — fizeram questão de estar também presentes naquela conversa de profunda correção fraterna. Eu quase nem falei! Ouvia... Eles é que falaram. Disseram tudo ao acusado. Aconselharam, criticaram, exigiram e pediram uma mudança! E o réu confessou, aceitou e prometeu mudar de vida. Que momento admirável!

A idade unia-os. A amizade deu autoridade. E a verdade era estímulo para o Bem!

Que forte experiência de correção fraterna! Que lição para mim!

Quem somos nós?... Quem melhor do que eles para corrigir e ajudar!?

Apenas esta a minha advertência principal e final da nossa conversa: — **Se não fores capaz de ouvir as palavras destes teus colegas, muito menos ouvirás as minhas.**

Eu não tinha palavras! Estava tudo dito! E, assim, Deus continua a salvar os homens, através de homens pobres e pecadores. Esta a Sua e nossa Páscoa!

● Estávamos, agora, em segunda-feira de Páscoa, dia de trabalho em nossa Casa. Corria o boato, no grupo dos «Batatinhas», que não traba-

lhavam porque a senhora não deixava!

Acabávamos de viver a Festa da Ressurreição de Jesus. E, naquele tempo, também aconteceu um boato contra a Ressurreição — pelos maiores daquele povo. Agora, pelos mais pequeninos, um boato contra o trabalho! Aqui, não havia má intenção; apenas ligação. Trabalho e Ressurreição são duas realidades inseparáveis em nossa vida. O amor pelo trabalho faz, em rapazes nossos, acontecer o milagre de autêntica ressurreição humana! Suas vidas mortas e destruídas pelo abandono, tornam-se vivas pelo carinho, trabalho e responsabilidade. Caminho da ressurreição, também de calvário...

Os «Batatinhas» têm costela de judeus... Grandes boateiros!...

Lito, o mais pequenino, tem apenas três anos; e, aqui, em Paço de Sousa, mais dois irmãos gémeos. Não levanta boatos. Explica tudo muito bem. Já faz recados! Eis um dos últimos que ele fez: Padre Abel pediu fósforos à senhora para acender um cigarro. O Lito traz fósforos e despede-se com esta bonita canção: «Tu és o Zé que fumas/Tu és o fumador...» A graça e a verdade deste pequenino davam-lhe, só por si, direito a um pai, a uma família equilibrada. Tal não

CONT. NA 3.ª PÁG.

Cantinho dos Padres da Rua

Alegremo nos na Ressurreição do Senhor! Ela é o centro da nossa Esperança! N'Ele resuscitado, está a nossa Força!

Lemos nas nossas normas de vida:

«Recordam a toda a hora que sem Ele nada é possível e com Ele nada é impossível. Neste sentido, o «padre da rua» não aceita dúvidas. É um obreiro do Senhor que vê a Obra feita antes de começá-la.»

Sentimos na própria carne o peso desta herança e tentamos, apesar das nossas misérias, recomeçar, todos os dias, a tarefa — a geira que Ele nos marca — sem medida nem fim, só um começo — o nosso primeiro passo.

Longe de nós, a lógica humana que tantas vezes seduz e atrapalha. Insensivelmente,

ela pode conduzir-nos à confiança nos «carros e cavalos», em vez de, unicamente, no nosso Senhor Ressuscitado.

Atentemos na figura de Pai Américo em sua atitude de oração: sózinho na capela, de pé ou ajoelhado, olhar cravado no sacrário — num autêntico mergulho. Era ali que ele, como em forja acesa, rectificava quando necessário suas atitudes e forjava outras conformes à medida e desejo do Coração de Cristo.

Ali também nós — se queremos viver em amor e sermos fiéis à herança que Pai Américo nos legou. Este caminho nos conduzirá ao meio dos Pobres onde — e só! — o Senhor marca encontro conosco. Junto deles, o verdadeiro lugar desse encontro maravilhoso... Precisamente Ele nos

espera, presente e vivo, nos que sofrem injustiças e dores.

É «como se O tivéssemos visto, ouvido e conhecido na Sua vida mortua».

Perante esta certeza que nos ultrapassa e fortalece, aceitamos dúvidas seria o nosso pecado. «Duvidar é recuar.»

Apesar da nossa pequenez e fragilidade — um barro pobre! — «guardemos e façamos render o dom da escolha».

Este nos obriga. É a roda que na moenda nos tritura e sai farinha — os «homens aflitos» que nós somos.

Nós vimos o Homem das dores... como o mais ultrajado! O mais pequenino!

Contemplemo-lo, todos os dias, nos nossos Irmãos — trilho único da nossa ressurreição.

Padre Telmo

PELAS CASAS DO GAIATO

IMPRESSÃO DO CELESTIAL

CONVÍVIO FRATERNAL — No passado dia 31 de Março, eu mais dois dos nossos — na companhia de mais cerca de 60 jovens da diocese de Coimbra — demos entrada no Seminário Maior desta cidade. Porquê?! Porque Cristo bateu intimamente às portas dos nossos corações (como, aliás, muitas vezes o tem feito mas encontrando o nosso comodismo, o egoísmo, as nossas limitações como obstáculos à Sua entrada), e nós humildemente quisemos abrir-lhe as portas para que pudesse entrar, falar-nos, habitar em nós. É claro que nos falou de muitos modos; através da Sua doutrina evangélica; através das discussões em trabalho que tivemos; através dos cânticos que cantámos; através dos testemunhos de vida que tivemos ocasião de ouvir ao longo daqueles três dias; através de cada gesto. Vivemos ali um clima de impressionante cordialidade, de um amor cristão que eu jamais havia descoberto.

Todavia, não foi só Ele que veio ao nosso encontro, porque assim sendo, não haveria contacto, diálogo. Nós também O fomos procurar, na esperança de encontrarmos apenas Aquele que é mais acessível à nossa imaginação. Na verdade, encontramos dois Cristos:

— Um, pintado na tela com cores maravilhosas, com as suas feições muito perfeitas, a que estamos habituados a ver.

— O outro era um Cristo crucificado, coberto de chagas, com uma coroa de espinhos na cabeça ferindo-lhe o rosto, sofrendo dores. Foi este último que fomos encontrar com mais admiração. O Cristo banhado em chagas (e presente nos homens mais desprotegidos, mais escorraçados, mais infelizes) ao qual temos negado pão, palavra de ternura e conforto, ajuda, amor, tudo.

Foram três dias num paraíso!

Mas, no mundo exterior, inverso do paraíso, vivem-se tormentos, injustiças, guerras, ódio. É este mundo que a nós compete amar. Pois assim Ele nos disse: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei». Uma frase pesada e difícil, pois ao longo dos séculos tem custado muitas vidas, mas que, conseguida, eleva a paz da lama das injustiças.

Que Deus nos encorage e nos anime a dar testemunho d'Ele na nossa vida e de Seu Filho que morreu por nós.

AGRICULTURA — As nossas batatas já foram semeadas (antes da chuva), sulfatadas e sachadas. Semeadas ainda estão também as cebolas e a milharada (para o gado). As árvores estão sulfatadas.

O lançamento da semente à terra acarreta numerosas tarefas que urge cumprir para que as refeições sejam justificadas.

Que Deus abençoe o nosso trabalho para que O possamos servir mais e melhor.

PÁSCOA — Depois de uma conveniente preparação espiritual, chegou o grande Dia — a Páscoa. A

grande vitória de Cristo sobre a morte — a Ressurreição.

Como de costume, na noite de véspera, fomos à igreja da vila participar nas habituais cerimónias. No dia de Páscoa tivemos a Missa ao meio-dia, que, aliás, foi muito alegre, mais participada que de costume. Alguma coisa isto significava...

De tarde tivemos a presença de alguns dos nossos rapazes (como é costume em dias como este) com suas esposas e filhos, que nos enriqueceram a alegria deste dia. Gostámos que tivessem vindo; e apareçam mais vezes.

CURSO — Três dos nossos rapazes casados, que trabalham connosco, partiram no dia 13 de Abril para Paço de Spusa, a fim de participarem num curso de relações humanas. Esperamos que aproveitem bem e aperfeiçoem o seu domínio de trabalho (já que nas oficinas têm grande responsabilidade). Que procurem (findo o curso) ensinar mais e melhor os nossos rapazes. E, principalmente, folgo muito para que o seu trabalho não tenha apenas por ideal «o pão nosso de cada dia», mas sim associado a este a alegria de dar de si, a alegria de trabalhar para um bem comum, a alegria de dar amor, ainda que não dêem por isso.

Carlitos

Paço de Sousa

PÁSCOA — Assim como as flores desabrocham na Primavera e dão beleza e alegria à terra, a nossa Páscoa trouxe alegria aos nossos corações.

Começou a ser preparada bem cedo, para que pudesse ser realmente uma festa. Houve conversas elucidativas e ensaiámos cânticos para embelezar a Vigília pascal.

Todos procuraram viver esta Páscoa em paz de espírito, compreensão, alegria e fraternidade; coisas que — tantas vezes! — os homens

esquecem e são essenciais para a nossa existência porque, na base, está Cristo, o amor do Próximo, o respeito e a defesa da Humanidade, tão seriamente ameaçada...

Cristo deu a Sua vida para salvar a nossa. Deu-nos Amor para ser retribuído, porque só quem ama a Deus, conscientemente, é mais capaz de amar o seu semelhante. Sem Deus a nossa existência é um absurdo. Ele é a Base, o Alicerce da nossa vida. Quem crê n'Ele, crê nos homens. Quem O rejeita, rejeita os homens. Deus é o Bem e o Perdão. E só n'Ele — e com a Sua protecção — temos Força para defender os que não têm voz e os que, embora a tenham, são demasiado fracos de espírito para resistirem às tentações do mundo.

Que todos os leitores do «Famoso», todos os homens de boa vontade tenham passado uma boa Páscoa.

AGRO-PECUÁRIA — Numa quarta-feira, ao fim do dia, quando saía da oficina, notei os jactos de água que subiam e caíam e regavam a erva. Era o primeiro teste do novo sistema de irrigação, por aspersão, que está a ser montado em nossa quinta — como já tive oportunidade de noticiar.

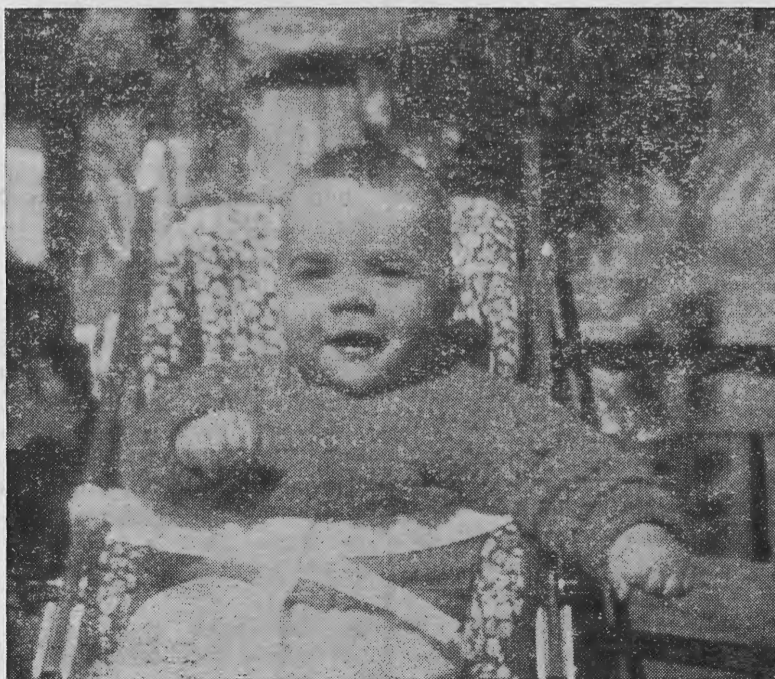
A principal razão desta opção é o melhor aproveitamento das águas.

A batata já foi semeada. A erva para o gado está viçosa e não tarda a ser ensilada. O gado precisa de produzir bom leite ao longo do ano. Por isso, tem necessidade de boas rações. O número de cabeças cresce, visto que têm nascido mais vitelos. Tudo vai pelo melhor nos trabalhos agro-pecuários!

DESPORTO — Mais uma equipa de simpatizantes da Obra da Rua veio conviver connosco numa partida de futebol, na tarde de sábado, 17 de Abril.

Os jogos realizados são prova de amizade que muito agradecemos e dão-nos a certeza de que temos amigos pelo País fora.

Venham conviver conosco e jogar com os nossos rapazes. Somos Porta Aberta para todos.



Frederico Filipe é filho da Manuela e do Tinoco que esteve em Paço de Sousa

FORMAÇÃO PROFISSIONAL — Para se conseguir uma formação profissional mais actualizada, em benefício dos nossos rapazes, os encarregados-chefes das oficinas de Paço de Sousa, Miranda do Corvo e Setúbal estão, agora, a frequentar um curso de instrutores/monitores, aqui em nossa Casa.

É de salientar a presença do Eng.º Mira, como monitor do curso, já que presidiu ao de serralharia civil que terminou recentemente.

O curso, que decorre, tem a duração de três semanas, aproximadamente. Esperamos bons frutos...

«Réguas»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Se fôssemos poeta, revelaríamos a *crucificação* do Pobre do meio rural com panos de veludo e ornamentos literários. Mas os problemas são tão graves para os elementares Direitos do Homem! E nem sempre ultrapassam as modestas ombreiras de quatro paredes que servem a privacidade natural — qual resguardo dos olhos do mundo que passa, indiferente...

Os últimos dias — da Paixão de Cristo — foram *sangria* permanente. E dizem que não há Pobres...!

É um pensionista e convalescente de recentes operações cirúrgicas sem o mínimo indispensável para a boca — quanto mais para medicamentos!

É o bombeiro — incontinentemente, prostrado pela doença — que não poderia sobreviver, decentemente, só com a mísera reforma.

É uma família de auto-construtores — que, oportunamente, beneficiou de um estímulo para a nova moradia — implorando agora «uma ajudinha» para a *baixada* à rede pública de energia eléctrica. Promoção social!

É uma mulher que, noutros tempos, já sofrera «as passas do Algarve». Esteve hospitalizada e, agora, mai-los seus, não aguenta os encargos que a doença traz aos Pobres.

Mais longe, é aquela deficiente, do Ribatejo, padecendo na solidão. E não podemos furtar-nos a enviar-lhe uma mesada de alívio. A Caridade não tem fronteiras!...

«Há longos anos — afirma — leccionei Instrução Primária a crianças e adolescentes, em casa de meus pais. No lugar só havia analfabetos. E, assim, passou a haver dúzias de pessoas a saber, pelo menos, o essencial.

O que me tendes enviado, todos os meses, alivia alguns problemas desta «camisa de sete varas». Mas ainda me encontro muito aflita...!

Diariamente peço nas minhas pobres e humilíssimas orações por todos — com fervor e devoção! — remata ela, com a força da verdade, parte da sua cruz dolorosa. Já seguiu a mesada de Abril — 5.000\$00.

E o se Zé? Aguarda o Fim! A hora que nos lêem, Deus já o terá chamado.

Foi uma vida cheia! Vida cristã. Ele era uma permanente *explosão* de Sobrenatural — diria Pai Américo. Quando nos encontrávamos — em dias difíceis ou não — todo ele era um reflexo divino!

A mulher estava em casa. Só. Banhada em lágrimas. São anos de vida conjugal! Se Zé — em estado de coma — já não dá fé de nada. Mais um Amigo que segue para o Reino dos Justos! Que ele foi um homem justo, trabalhador, amigo do seu amigo. Quantas vezes mostrou os calos das mãos e cantou hinos de glória à mãe-terra que arroteou com devoção! Quantas vezes referiu, com ênfase, a sua peregrinação terrena! E parávamos os dois, muito descontraídos — e consolados!

Mais ainda: Aquela Viúva que, há cerca de três anos, aguardava pensão de sobrevivência, só agora a recebeu do Montepio dos Servidores do Estado. De retroactivos, mais de 90 contos! Ela e os filhos, porém, só terão regularmente pouco mais de três contos por mês...

Vai pôr a vida em ordem. «Devo ainda treze contos... E se não fôssem V. darem-me cinco todos os meses, que teria sido de nós!...»

Estes impasses são problema que arrasta gravíssimo problema social, pois estão em causa muitas famílias!

Estamos na era da Cibernética ou da pedra lascada? Os diplomas legislativos são para cumprir a tempo. A verdade é que, no que toca às classes pobres, já alguém deu fé, também, da natural desorientação que as pequenas *fortunas* de retroactivos provocam, se nem sempre eles, os Pobres, têm o necessário para o dia-a-dia — e um certo equilíbrio para gerir os fundos?

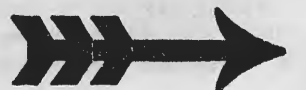
Em relação ao caso desta Viúva, mulher equilibrada, e outras do mesmo naipe, não haveria sarilhos... Todavia..., a pensão mensal que lhe foi arbitrada vai pouco além dos três mil escudos mensais! «Como podemos viver, eu e os meus filhos, só com três contos por mês!... Agora ponho a vida em ordem, mas não tardo a ficar sem nada...!»

E aí estamos a ser nós — os nossos leitores — a suprir, a estabilizar o nível de vida destas famílias, vítimas de precaríssima justiça.

PARTILHA — A. F., do Porto, 780\$00 «para o que for mais necessário e por alma de meu pai e minha avozinha». Além da evocação, sublinhámos a justificação: «Depois de quatro meses de ausência, aqui estou a dizer que não vos esqueço; e se não venho mais vezes, é porque a vida e a saúde não o permitem». Delicadeza cristã!

Assinante 5963 continua a dividir — e há quantos anos! — o seu vencimento mensal pelos Pobres. Agora, são 3.800\$00.

No Espelho da Moda, 2.000\$00 de um/a anónimo/a. Mais 500\$00 de «uma portuense qualquer», para «ajuda das despesas da Conferência, migalhinha relativa ao mês de Fevereiro».



MAIS ASSINANTES!

A procissão de novos Assinantes de O GAIATO que percorre o País, irradia por todo o Mundo, estremece — fomos a dizer galvaniza — o nosso coração!

Não são as letras impressas que motivam as almas; não. É Cristo que continua a sofrer hoje, agora, dolorosa Paixão na pessoa do «Lixo das ruas» — dos Pobres. Ele, o Pobre, é que mexe e remexe as almas; inquietas para um Mundo Melhor, pelo Mandamento Novo. É Ele; mais ninguém.

Acabámos, agora, d' enxugar

neiro, acrescida de mais um pouquinho.

Rua Rodrigues Cabrilho, da Capital:

«Com os votos de uma santa Páscoa, venho enviar uma pequena lembrança (1.000\$00) para as amêndoas da Conferência. Aplique onde achar melhor! Gostava de mandar mais. Logo que possa o farei.

Que o Senhor nos ajude a ressuscitar com Ele, para O descobrir nos Irmãos!

Tenho a todos bem presentes nas minhas orações.»

Que bom!

Assinante 32905, de Nova Oeiras, presente com «o excedente de duas assinaturas, para tapar qualquer buraco da Conferência». Mais um cheque de 1.000\$00, do Fundão, «para que a Páscoa de algum ou alguns dos Pobres seja mais alegre». Pois saiba o bom Amigo que distribuímos — nesta altura — muitos contos de réis, sem nos cingirmos à vulgar prudência ou ciência dos contabilistas. Ainda agora, por exemplo, aguardamos uma pesada conta do piobeleiro que montou oportunamente a instalação de águas e quarto de banho na moradia da pobre mulher separada do marido. São mais de 30 contos! Mas só haver mais uma família a viver decentemente, só isso fará que Deus fale ao coração dos homens. Estamos depenados!...

Assinante 31104:

«Como estamos na época da Páscoa, aquela que na vida do Senhor me fala mais ao coração, envio uma pequena lembrança para o bombeiro. É pouco, mas de boa vontade. Espero continuar a contribuir com a mensalidade costumada. E que Jesus acuda a todos os que sofrem — entre os quais me incluo.»

Por fim, uma Empregada Doméstica. Curvemo-nos à sua passagem. E escutemos o seu desabafo:

«Uma santa Páscoa para todos. Ai lhe envio um conto. Queria que o jornal da minha senhora, já falecida, fosse para esta morada... onde me encontro por enquanto, porque ainda não tenho morada certa, visto que a pessoa que herdou a casa dela não quer lá O GAIATO. Até aqui, não tinham vagar de ir ver a tia. Quem lhe fazia tudo era eu. Agora, não faltam lá um só dia e nem se importam se eu tinha casa ou não... Nunca tiveram um carinho para a pobre senhora que lhes deixou ficar uma fortuna! Desculpe. Isto é um desabafo.»

Só Deus sabe. Mais ninguém. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

lágrimas e ouvir lamentações em casa deles. Um geme o peso da moradia que levanta até ao cimo do calvário, contando apenas com a sua força de trabalho. Outro, aguarda o Fim da sua peregrinação terrena — em dolorosa caminhada.

Mais cá por dentro, é toda a complexa vida de uma. Obra de todos, em que todos dão a mão — para que tudo seja, por graça de Deus, na hora própria. Não é assim ó Alexandre!? Hoje, sexta-feira da Paixão, ele vai entrar excepcionalmente um pouco pela noite dentro ao comando da máquina que imprime O GAIATO para que o jornal esteja na rua a tempo e horas.

A correspondência que passa por nossas mãos, escalda; é luz da Luz! E no meio da avalanche, d'almas grandes, sentimo-nos confundidos! Não queríamos deixar a Luz sob o alqueire... Mas o espaço é tão limitado!

Aqui vai Porto:

«Leio O GAIATO de fio a pavio, mal o recebo. Considero-o uma presença de Deus, uma tomada de consciência na minha vida. Tento que todos os meus familiares o leiam e muito particularmente os meus filhos.

Tive a graça de conhecer o Pai Américo. Ele nos ensinou, a nós universitários desse tempo, o caminho do Barredo que percorremos durante anos. Bendito seja Deus! Quanto recebemos então!

Neste momento tento que o Senhor Se revele e O reconheçam alguns Colegas meus, de profissão. Para tal, lembrei-me de pedir que lhes enviem O GAIATO. As pessoas em causa são professores do Ensino Superior e um deles ex-director de um jornal...»

Tondela:

«Dizer da minha alegria, do meu contentamento é muito difícil, pois sempre sonhei com a divulgação da Obra da Rua por estes sítios. A Obra de Pai Américo também é minha e muito mais depois que, por graça de Deus, lá coloquei dois miúdos.

Queria, desejaria que todos a amassem e a conhecessem para poderem transpor na vida, a Verdade pregada por Jesus. Eu tenho uma ânsia de Verdade, mas nem sempre deparo com Ela. O GAIATO é o meu farol, o meu guia...»

Messines:

«Por todas as terras onde sou colocada como professora, tento arranjar assinantes para O GAIATO se tornar conhecido cá para o sul de Portugal.

Nesta terra, por exemplo, é um bocado difícil, mas falando com o pároco ele mostrou-se interessado e, assim, pede que lhe enviem 15 exemplares. Peço que os mandem com rapidez, porque nestas bandas bem precisam de conhecer a Obra da Rua.»

Que dizer de listas e mais

listas, pesadas, de grandes apaixonados, com 11, 21, 37 e 50 novos Assinantes!?

Que dizer da acção dos nossos Padres que não tardam a retomar o anúncio de O GAIATO por várias paróquias do País!?

Que dizer, ainda, de tantos Amigos que principiam a ronda pelos seus mais seus!?

Bombarral:

«Mando o endereço de minha filha para ser assinante de O GAIATO. Envio cheque com muito amor. No que for aplicado, aí estará Deus...»

Viseu:

«É com muita satisfação que venho pedir para considerarem assinante de O GAIATO a senhora... minha afilhada. E, por tanta vez ter falado na Obra de Pai Américo, ela teve o desejo de ler, também, o jornal de ponta a ponta — como faz a madrinha.»

Os jovens não faltam! Aqui está Faro:

«Sou estudante. Tenho 16 anos. Nascei em Angola, na cidade de Luanda. Agora estou a viver em Faro com os meus pais de que tanto gosto. Eu tenho muito gosto de ser assinante de O GAIATO. Acho muito importante a Casa do Gaiato, pois os rapazes, aí, têm amor e carinho. Uma pessoa sem amor e carinho sente-se muito infeliz...»

Outros, que nem sempre tocam os pequenos distribuidores do «Famoso» nas grandes zonas urbanas, vêm por aí fora apressados, pedir sua inscrição como assinantes do jornal. De Lisboa, Porto, Coimbra..., tantos! «Julgamos, assim, ser a melhor maneira de ler O GAIATO, pois nem sempre nos cruzamos com os grandes

Retalhos de vida

O «Piasquinha»



Sou o Artur Paulo de Jesus Mota e a malta, em nossa Casa, deu-me o nome de «Piasquinha». Nascei em Gondomar, distrito do Porto, a 19 de Maio de 1968.

Nós éramos uma família muito pobre. Meu pai muito bêbado, quando chegava a casa, às tantas da noite, desatava a bater na minha mãe atirando-lhe com cadeiras e várias outras coisas. Ele já não está com a minha mãe, pois a família desfez-se. Ela encontra-se em Espanha, com dois irmãos meus. Trabalha num restaurante para ter, assim, alguma coisa na vida e para nós também. Não sei onde param três irmãos!

Certo dia apareceu, finalmente, uma senhora que nos trouxe, a mim e mais dois, para a Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, onde me encontro bem. Frequento, agora, a 4.ª classe da Escola Primária e, depois, será a Telescola.

Fora das horas da Escola trabalho na expedição do famoso jornal O GAIATO, do qual sou também vendedor, em Amarante, onde conto muitos e bons Amigos.

Quando for mais crescido, gostaria de ser carpinteiro. Um grande abraço para todos os leitores de O GAIATO.

Artur («Piasquinhas»)

vendedores, de quinze em quinze dias» — sublinha um casal da Lusa-Atenas.

Por fim, aí vai o mapa de presenças. Apesar do forçoso laconismo, todo ele vibra em cachão! É Setúbal, Parede, Benedita, Trancoso, Santarém, Alcochete, Palmela, Lamego, Queluz, Vila Nova de Gaia, Almada, Bragança, Sacavém, Albergaria-a-Velha, Azeiteiro, Pílhão, Cruz de Pau, Cova da Piedade, Monte da Caparica, Santo Tirso, Massamá, Gondomar, Amadora, Vila Real, Campo Maior,

Póvoa de Santa Iria, S. João da Pesqueira, Vila Verde, Tomar, Ferreira do Zezere, Tavira, Faro, Loures, Lourinhã, Coimbra, Cabril, Almada, Marco de Canaveses, Penafiel, Sertã, Malveira, Buraca, Mogadouro, Nogueira da Maia, Braga, Ponta Delgada, Funchal, Póvoa da Rainha (Gouveia), Guarda, Macau, Rio de Janeiro (Brasil) e Calcutá (Índia) — para Sister Fredericck «conselheira da Irmã Teresa de Calcutá».

Júlio Mendes

Reflectindo

O nosso mais pequeno tem três anos. Gordo e feliz, é um sinal de alegria na nossa comunidade. Filho de um caso infeliz, irmão de muitos irmãos. Só da mesma mãe são dez; e do pai destes dez, ainda outros mais. Está cá com dois irmãos gémeos de quatro anos. Vieram os três juntos. À hora da chegada as lágrimas foram abundantes. Os três em coro. Longa sinfonia.

No dia seguinte acordaram para o seu novo mundo. Encontraram uma nova família.

Partilhando

Cont. da 1.ª página aconteceu... Ei-lo feliz ao pé de nós! E todos o adoram, porque os «seus» não foram capazes de o amar...

Padre Moura

Os laços foram-se estreitando, os desconhecidos da primeira hora transformaram-se em amigos. As lágrimas deram lugar ao sorriso. A solidão deu lugar à confiança.

Tudo isto é sinal de que a Casa do Gaiato está viva e que o espírito que levou Pai Américo a fundá-la, se mantém operante. Por vezes, a grandiosidade do seu viver nos espanta, talvez mais a nós que estamos dentro, do que àqueles que nos visitam. Mais a nós, porque conhecemos melhor as nossas fraquezas.

Esta grande família fundada em nome de Deus, que brotou da fé e do amor que Deus põe no coração dos Homens, vive e opera, porque apesar da fragilidade daqueles que a formam, bebe a sua força na

Raiz de todo o Bem. A certeza de que Deus nos acompanha, encontramos-a a cada passo. Nos mais diversos momentos. Concretamente nos gestos daqueles que de longe nos fazem chegar o seu testemunho de amor.

Através de uma carta chegada há dias alguém nos dizia: «Mando-vos este donativo (3.000\$00) para os mais necessitados. Sei bem quanto custa a vida. Comprei uma casa, que era necessária à vida da minha família e ando aflito para a pagar. Sei por isso bem como elas mordem.»

Sabe como elas mordem, mas não esquece a dor dos Outros. Deu do que lhe faz falta. O Óbulo da Viúva! Bem haja.

Padre Abel

Dói-nos muito a angústia dos que não têm casa. Casais, aflitos, procurando sempre; noivos à espera; famílias numerosas com o problema de espaço. Não falo nos habitantes das barracas... Estes não têm já força e nem sequer pensam em transpor todas as barreiras que precisariam vencer para construir uma habitação digna.

Movidos por esta aflicção adquirimos, há dias, pelo Património dos Pobres, um terreno destinado à Auto-construção — para nossos rapazes casados que não têm casa e a quem queremos construir com a ajuda de familiares e amigos.

Este campo é filho do vosso amor! E netas, as casinhas que vão nascer na esperança!

É o escalar duma montanha íngreme e alta!

Lá se foram, e com alegria, as nossas reservas do Património dos Pobres. Mas sem medo, por sabermos que estardes presente no preciso momento. Espero-te na próxima procissão.

A de hoje vai sair sem pompas nem foguetes; não leva andores; música, só a dos passarinhos neste dia lindo de sol. O Senhor vai, a pé, a teu lado! Escuta e vai atento — no momento exacto, Ele abençoará o pão! Então, saberás que é o Senhor.

Abre «um casal amigo», de Algueirão, com 500\$. Logo M. Etelvina com 1000\$ e uma Santa Páscoa. Casa N. S. Jesus Cristo, 20 contos — o mesmo Senhor a habitará num irmão nosso. Mais 2 vezes J. P. R. no Lar do Porto. E lá vêm os funcionários da Caixa Têxtil, pontuais, em cada mês. Uma Alzira, de Valongo, com mil. A assinante 26906 para algumas telhas das casas que estão ajudando a construir.

Da Maria Helena e Jorge, Gaia, 5.000\$ — «ajuda a uma casa de quem não tem nada». Assinante 16678 oferece 9.000\$. Para a casa da viúva com filhos, 1.000\$. 5.000\$ para algum auto-construtor mais necessitado, de uma Manuela da Covilhã. Mais mil para uma viúva com 1 filha e 3 filhos (já começou a fazer o aumento). Agora segue um aposentado que vive só da sua pensão e manda 500\$ para as telhas do Património. Lindo! Eis agora uma velhinha da 4.ª idade, de Ponta do Sol (Madeira) com o seu «óbulo da Viúva» e «94 anos e viúva há 11 ainda conservo a alegria e não posso ver ninguém triste»; por isso ela veio de tão longe alegrar a nossa procissão. Para ajuda de «3 telhados por alma de meus padrinhos», 1.500\$. 15.000\$ de Manuel — Barcelos. Anónimo com 2500\$. De Adozinda: «se entenderem, estes 25.000\$ podem ser para alguma construção».

Passa Elvira de Jesus com dez mil. A favor da construção duma casa, da assinante 16974, de Bragança.

«Mais uma vez o vosso jornal veio tocar o meu coração e inquietar a minha consciên-

cia; vão estes 2.000\$ para a pobre viúva que vive numa barraca». «Mais uma migalhinha de 4.000\$ para um auto-construtor», da Madalena. De St.º António dos Cavaleiros para o Património. Uma telha para casa da sr.ª Rosa (já está no telhado e a sr.ª Rosa mais feliz). «Já estava em atraso na auto-construção, vão mais 2.000\$ das minhas horas nocturnas» — ede uma enfermeira de Palhavã. Outra vez a casa Louvado seja N. S. Jesus Cristo com 15 mil. Verdadeiro louvor! «A modesta dádiva seria para aplicar no Minho donde eram naturais os meus falecidos pais». Pode ser. Ass. 25881 para a casa de N.ª Senhora do Carmo. «Respondo ao vosso apelo para abrigar os que precisam de dispor dum telhado, ambição de todo o ser humano» — de Jaime Pimenta, 5.000\$. Mais mil de M. Etelvina.

«6.300\$ do aumento da minha pensão, sendo possível para ajudarem a abrigar um ir-

ção nosso necessitado», de Queluz. Outra vez Ana Velez com mais 50 contos «para a construção de casas para Pobres». No Espelho da Moda, anónimo com mil e muitos outros também na nossa procissão. «Para a janela apodrecida da casa da sr.ª Rosa, renúncia duma ida ao Teatro» (já lá está), ass. 14305. Mais 12.000\$ de Elisa Tavares e 2.000\$ de Cécilia Moreira. Outra vez «para sufragar a alma de minha mãe vão dez mil que se destinam à construção duma casa». Cinco vezes a prestação M. M. A. L. O Senhor vai atento! E para fechar: «Com a ternura de sempre pela Obra, aqui vai mais uma migalhinha para a casa que me atrevo a chamar Casa da Paz. Fica agora em 17.000\$. O Amor do Pai faz em nós maravilhas e tenho fé que me ajudará a cumprir o desejo de dar um lar a alguém que o não tenha». Pois que a Paz do Senhor nos acompanhe.

Padre Telmo

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

embora os que defendem o aborto não utilizem essas expressões, antes recorram a termos pseudo piedosos e sentimentais. Em segundo lugar, considerar como real e cientificamente provado que a população cresce em progressão geométrica, enquanto os meios de subsistência aumentam em progressão aritmética, é um ultraje à inteligência e à verdade dos factos. Não é preciso sair da nossa terra para saber das centenas de milhares de hectares por cultivar, enquanto a técnica coloca ao dispor do homem recursos quase infinitos, ainda por pôr em prática ou mal aproveitados. Entretanto, por esse Mundo fora, queimam-se toneladas e toneladas de géneros alimentícios, deixam-se apodrecer ou deitam-se ao mar, por causa da ganância ou do egoísmo do bicho homem ou de falta do sentido de solidariedade que a todos deve envolver. Matar continua a ser a solução mais simples e mais cómoda.

Continuaremos. Antes, porém, de terminarmos estas considerações, queríamos narrar aqui um episódio acontecido há pouco, revelador da desfaçatez a que certas pessoas chegam, revelador de ignorância e da consequente estupidez, que nos levam a dizer, à maneira do Mestre, no alto do Calvário: «Perdoai-lhes, Pai, porque não sabem o que dizem».

Num grupo discutia-se o problema do aborto. Uns a favor, alguns contra e outros indecisos. A certa altura, alguém do grupo larga esta: «Acho bem, pois, até não seriam precisas Casas do Gaiato e outras casas parecidas». Ao

tomarmos conhecimento do facto, um sentimento de horror nos invadiu; mas, como gostaríamos sempre, nos veio à mente a jaculatória acima expressa e, para lá de todos os trabalhos, alegrias, sofrimentos, angústias, incompreensões e desgastes sofridos, logo ali, no interior do nosso ser, beijámos e abraçámos todos aqueles que, ao longo de mais de vinte anos, do mais fácil ao mais difícil, nos passaram pelas mãos. Sim, que com sucesso ou insucesso; Deus o sabe, todos mereceram ou merecem muito mais do que lhes demos ou damos, como simples seres humanos e portadores, cada qual, de uma alma com destino sobrenatural, infinito e eterno. Deus seja louvado por todos Eles e só Lhe temos de pedir perdão por não os termos tratado ou amado como devíamos.

● FESTAS — Em sítio próprio se encontrarão os locais de venda dos bilhetes e os horários dos espectáculos.

● ESCLARECIMENTO — O nome oficial desta Casa é o de Casa do Gaiato de Lisboa e assim deve ser procurada na lista telefónica (9849019) da Capital. Situa-se em S. Antão do Tojal, concelho de Loures (C. P. 2670).

Para quem nos quiser visitar, vindo de Lisboa, é seguir o caminho de Loures, via Calçada de Carriche, e ao chegar ao Posto da Polícia cortar em direcção a Bucelas. A cerca de 5 Km. daquela vila, junto ao jardim de S. Antão do Tojal, encontrará uma placa indicativa. Há carreiras da R. N., antiga Bucelense, que se podem tomar ao Intendente, Av. Praia da Vitória, Campo Grande e Lumiar.

Padre Luiz

FESTAS — Os Rapazes têm a sua Festa quase pronta, depois de última reformulação.

O modo como se apresentará, este ano, será diferente; mas a Mensagem é deles — sempre a mesma — de alegria e Esperança. Uma Mensagem de Paz e construção dum Mundo Novo que bebem em cada momento, na Casa do Gaiato, se torna parte deles, os galvaniza e os projecta.

Os gaiatos casados sentem

necessidade de ensinar os mais novos, de se misturarem com eles. É um segredo que a Obra da Rua, pouco a pouco, foi semeando no coração. E vai dando frutos, aqui e além — e tu os vais colher.

As Festas da comunidade setubalense — para já em Palmela, Setúbal e Quinta do Anjo — são referidas, em lugar próprio, na presente edição de O GAIATO.

Padre Actlio

FESTAS

ZONA CENTRO

MAIO

- Dia 1, tarde e noite — Teatro Avenida — COIMBRA
Bilhetes à venda: Casa do Castelo, Rua da Sofia e bilheteiras do Avenida.
- » 2, às 15,30 — Cinema do Casino Peninsular
FIGUEIRA DA FOZ
Bilhetes à venda na Tulmar
- » 7, às 17 e 21,30 h — Teatro-Cine da COVILHÃ
Bilhetes à venda: Jerónimo dos Santos (Seguros) e bilheteira do Teatro-Cine.
- » 8, às 15,30 h — Cinema Gardunha — FUNDÃO
Bilhetes à venda: Casa da Beira e bilheteira do Gardunha.
- » 9, às 15,30 h — Cine-Teatro Avenida — CASTELO BRANCO
Bilhetes à venda: Casa Pinto, Papelaria Samedo e Elias Garcia.
- » 21, às 21,30 h — Cine-Teatro de TOMAR
Bilhetes à venda: Armazém Barateiro e na bilheteira do Cine-Teatro.
- » 22, às 21,30 h — Salão da Casa do Povo — MIRA
- » 23, às 15,30 h — Teatro Alves Coelho — ARGANIL
- » 28, às 21,30 h — Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA
- » 29, às 21,30 h — Salão dos Bombeiros — CANTANHEDE

ZONA SUL

MAIO

- Dia 9, às 11 h da manhã — MONUMENTAL — LISBOA
Bilhetes à venda: Casa de N.ª S.ª de Fátima — Av. Marquês de Tomar, 104-B; Franco Gravador, Rua da Vitória, 40; Montepio Geral, Rua do Cammo, 62-2.º; Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8 α/c-Dt.º; Maison Louvre, Rossio, 106; Ourivesaria 13, Rua da Palma, 13 — LISBOA.
- » 15, às 15,30 h — Cinema dos Bombeiros Voluntários — LOURES
Bilhetes à venda: Ourivesaria Miranda — Loures; e Casa do Gaiato do Tojal, Telef. 9849019.
- » 15 — às 21 h — Humanitária de PALMELA
- » 21 — às 21,30 h — Teatro Luísa Tody — SETÚBAL
- » 22 — às 21 h — Sociedade Quinta do Anjo — PALMELA



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Abril: 53.080 exemplares